

A Companhia de Teatro de Almada foi, entre os colectivos que participaram no movimento de renovação do teatro português na década de 70, a primeira a integrar na sua equipa um dramaturgo residente. A partir de 1972, esse dramaturgo, Virgílio Martinho, e até à data da sua morte, em 1994, colaborou comigo em todos os trabalhos de encenação, ora adaptando textos não escritos para teatro (como a *Crónica de D. João I*, de Fernão Lopes, ou as *Aventuras de Till Eulenspiegel*, de Charles de Coster), ora escrevendo peças da sua autoria, como *Filopopolus*, ou *O grande cidadão*, ora participando no trabalho dramaturgico preparatório das encenações das obras de outros autores.

Esses 20 anos de estreita relação estiveram na base do que é hoje o meu trabalho. O amor pelo teatro é, na minha perspectiva, indistinguível do amor pela literatura: em ambos os casos é de escrita que se trata.

A literatura dramática é a junção de dois actos: o acto de alinhar palavras, e o acto de transformar essas palavras em comportamentos e acções, e dar-lhes a vida essencial, sem a qual não chegarão verdadeiramente a cumprir a sua função. Estes dois actos podem reunir-se na mesma pessoa ou em pessoas diferentes – mas não podem existir separados, se se aspirar a fazer essa coisa tão indefinível e, no entanto, tão visível e particular, a que chamamos teatro.

O dramaturgo que se inicia num colectivo de teatro e que emerge da prática da cena – essa é a grande tradição dos clássicos, mas também dos modernos – é um poeta que escreve para um espaço, para uma relação cujas regras conhece: que sabe que outros vão participar e acrescentar, ou diminuir, a sua criação, e que conta com eles quando escreve.

Rodrigo Francisco – de quem encenei a primeira peça, *Quarto minguante* – começou, muito jovem, a sua aprendizagem teatral na Companhia de Teatro de Almada. A vocação literária que desde cedo se lhe manifestou encontrou-se com o mundo do teatro e, natural e inevitavelmente, conduzi-lo-ia ao fascínio pelo texto teatral.

Tuning, a peça que agora se estreia, é como que um desenvolvimento, mais perfeito e complexo, do seu primeiro trabalho, mantendo as características que marcam a geração de dramaturgos a que pertence (o realismo, a preocupação pela actualidade social, a limpeza na descrição, a utilização de uma linguagem crua e depurada, a busca de uma objectividade quase fotográfica) e aquelas que são próprias do seu universo pessoal: os subúrbios, a adolescência, o choque à entrada num mundo organizado para a alternativa violência/conformismo – mas também o envelhecimento e a morte.

Em *Tuning* estes temas estão divididos em dois grupos: o dos jovens, que buscam saídas marginais para o mundo sem horizontes que lhes coube, e o dos mais velhos, em que a sobrevivência se faz da aceitação do vazio, no limite do sonambulismo. Paradoxalmente a morte está mais próxima dos primeiros do que dos segundos. Essa inversão das leis naturais resulta da sociedade que criámos, quer a sua origem esteja nas guerras, ou nos guetos sociais, ou nas legiões de desempregados.

Na nossa época, em que a quantidade de informação não se traduz numa melhor informação, o público (sobretudo o público jovem) pede ao teatro que seja testemunho e apoio à reflexão.

É este papel que, sem pedagogia nem didactismo, *Tuning* cumpre com brilho.

Joaquim Benite, Abril 2010

Vivemos numa sociedade obcecada com competitividade e com sucesso. Todos os dias somos bombardeados com histórias exemplares de pessoas que, destacando-se numa determinada actividade, «chegaram ao topo», conseguindo superar as dificuldades de um mundo friamente competitivo. O «topo» que conquistaram torna-lhes invariavelmente mais visíveis os bens materiais que acumularam na subida. Regra geral, a um jovem que nasça hoje em dia à margem dos pequenos núcleos de privilegiados, a nossa sociedade aponta-lhe «subidas» velozes. Consoante se trate de um rapaz ou de uma rapariga, eles poderão ser futebolistas, elas manequins – ou, se for caso disso, podem ainda embarcar no sonho fátuo de vencerem um concurso de cantigas na televisão. O projecto da igualdade social surgido com o livre acesso à educação não se concretizou: os jovens licenciados que nasceram depois de 1974 vieram apenas tornar mais qualificadas as fileiras de desempregados.

A maioria dos meus antigos colegas encontrou emprego nas secções de livros dos supermercados, ou no inferno dos *call centers*, onde é oprimida por leis laborais por vezes mais perversas do que aquelas contra as quais os seus pais lutaram.

É este o quadro de *Tuning*. Dois jovens encontram-se numa sórdida oficina dos subúrbios, que é o destino comum de duas caminadas distintas: Pedro viu gorada uma carreira de futebolista; Nelson, a quem nem sequer essa ilusão seduzira, aproveita a sua condição marginal para obter dividendos das fragilidades da própria sociedade que o marginalizou – passa droga. A geração que os gerou (Sr. Albino, o garagista, e Dona Glória, uma viúva solitária) não compreende a sua ânsia de sucesso, nem a frustração que surge de cada vez que se confrontam com as histórias exemplares dos que «chegaram ao topo»: Pedro e Nelson já nasceram num mundo em que a possibilidade de ascensão social, que formata a vida de cada um de nós, é uma ilusão.

A dada altura o garagista Albino diz que, tal como a sociedade está hoje organizada, «se não quisermos passar o resto da vida a roubar, temos de começar por roubar», e é precisamente nesse dilema que vivem os jovens que inspiraram este espectáculo: sabem que para escapar ao destino que lhes foi traçado não podem dar-se ao luxo de uma vida na legalidade, mas não sabem em que ponto devem parar, recolher os benefícios, e sair do jogo. Arriscam viver «sempre em alta», em constantes fugas para diante, como se acessem numa estrada recta sem fim à vista.

Por vezes esse fim chega de repente.

Rodrigo Francisco, Abril 2010

P.S. Passaram dois anos e meio desde a estreia de *Tuning*, e à data em que regressamos à oficina do Sr. Albino o País está pior – muito pior. O Estado social é posto em causa, o fosso entre os ricos e os pobres alarga-se, o desemprego aumenta: em especial o desemprego dos jovens, que no terceiro trimestre deste ano atingiu os 40%. Em suma, as condições de marginalização social que inspiraram a criação deste espectáculo agudizaram-se. Regressamos a *Tuning* com a consciência de que aqueles que nos vêm ver vivem pior do que há dois anos e meio. Anima-nos, no entanto, verificarmos que essas pessoas, o nosso público, são cada vez em maior número. E que cada vez mais nos procuram para reflectir – e agir – sobre este Mundo em que vivemos.

Os jovens actores que têm sido formados por Joaquim Benite estão agora, também, um bocadinho menos jovens. Creio que a sua evolução teatral (mesmo que dois anos e meio seja um curto período na formação de um actor) é um dos aspectos que mais relevam nesta reposição.

Novembro 2012



**RESTAURANTE
DO TEATRO**

*COZINHA DE QUALIDADE
A PREÇOS POPULARES!*

MENU ALMOÇO 5€
pão + prato + bebida + café

MENU JANTAR 9€
pão + sopa + prato + bebida + sobremesa + café

MENU TEATRO 12€
Refeição Menu Jantar + Espectáculo CTA

HORÁRIO: ALMOÇOS - Terça a Domingo, das 12h00 às 15h00 | JANTARES - Terça a Sábado, das 19h00 às 21h30

NOTAS BIOGRÁFICAS

AUTOR

Rodrigo Francisco (n.1981) é formado em Línguas e Literaturas Modernas pela Universidade Clássica de Lisboa. Estreou-se na escrita para teatro com *Quarto minguante*, texto dirigido por Joaquim Benite em 2007, que conheceria uma versão televisiva em 2009 e duas traduções – pela revista espanhola *Primer acto* e pela editora francesa *Éditions l'Oeil du Prince*. Actualmente director-adjunto do TMA, Rodrigo Francisco fez a sua formação teatral com Joaquim Benite, de quem tem sido assistente de encenação, nomeadamente nas peças *D. Juan*, de Molière (2006), *Que farei com este livro?*, de José Saramago (2007), *O presidente*, de Thomas Bernhard (2009), *O doido e a morte*, de Raul Brandão (2009), *A mãe*, de Brecht (2010), *Antes do pequeno-almoço* e *Hughie*, de Eugene O'Neill (2010) e *A rainha louca*, ópera de Alexandre Delgado (2011). Em 2012 dirigiu *Dança de roda*, de Schnitzler, na Sala Principal do TMA.

INTÉRPRETES

Maria Frade formou-se no Chapatô e começou a colaborar com a Companhia de Teatro de Almada em 1992, vindo a representar peças de António José da Silva, Prista Monteiro, William Shakespeare, Jaroslav Hasek, Mikhail Bulgakov, Gil Vicente, entre outros. Participou também nas peças *O Carteiro de Neruda* e *Amor de D. Perlimplim com Belisa em seu Jardim*, ambas encenadas por Joaquim Benite, foi a protagonista de *Crónica Feminina*, de Jorge Listopad, estreada no Festival de Almada em 1999, e já mais recentemente integrou o elenco de *O teatro cómico* de Carlo Goldoni.

Paulo Guerreiro (Almada, 1970) formou-se na CTA em 1993, tendo participado em espectáculos como *Afonso VI*, de Fonseca Lobo (a sua estreia profissional); *Marco milhão*, de O'Neill; *Vida do grande D. Quixote de la Mancha* e *do gordo Sancho Pança*, de António José da Silva; *Molière*, de Bulgakov; *Othelo*, de Shakespeare, etc. - sempre sob a direcção de Joaquim Benite. Na televisão participou

em séries como *Duarte e companhia*, *Médico de família*, *Super pai*, entre outras. Regressou à CTA com o espectáculo *A mãe*, de Brecht / Gorki, encenação de Joaquim Benite, estreado no TMA em Janeiro deste ano.

Pedro Walter (Almada, 1983) concluiu o curso da ACT em 2004. Colabora com a CTA desde 2002, onde tem feito a sua formação, participando nos espectáculos infantis *Chá doce*, *O barbeiro de Sevilha*, *A flauta mágica*, *O fantasma das melancias* e *Dona raposa e outros animais*, sempre sob a direcção de Teresa Gafeira. Na CTA, sob a direcção de Joaquim Benite, participou em *O Carteiro de Neruda*, de Antonio Skarmeta, *Que farei com este livro?*, de José Saramago, e *A mãe*, de Brecht / Gorki. Participou também em *A charrua e as estrelas*, de Sean O'Casey, sob a direcção de Bernard Sobel.

João Farraia (Almada, 1989) formou-se na Escola de Teatro Profissional de Cascais em 2008, sob a direcção de Carlos Avilez. Entrou para a CTA em 2009, onde se estreou em *O doido e a morte*, a peça de Raul Brandão e a ópera de Alexandre Delgado, com encenação de Joaquim Benite. Na CTA participou ainda em *D. Raposa e outros animais*, a partir de La Fontaine, e *O Barbeiro de Sevilha*, encenações de Teresa Gafeira, e *Uma visita inoportuna*, de Copi, encenação de Philip Boulay.

Rui Dionísio (Vila Franca de Xira, 1980) iniciou-se no teatro amador no grupo Cegada, de Alverca, em 2007, com o espectáculo *Os outros*, de Jaime Salazar Sampaio. Entrou para a Escola de Actores ACT em 2008, onde tem estudado com Beatriz Batarda, Elsa Valentim e Jean Paul Bucchieri. *Tuning* é a sua estreia no teatro profissional.

Sala de Ensaios

17 de NOVEMBRO a 2 de DEZEMBRO
QUI a SÁB às 21h30 | QUA e DOM às 16h00
1h20 (s/ intervalo) | M/12

Intérpretes (por ordem de entrada em cena)

Paulo GUERREIRO (*Sr. Albino*)
Pedro WALTER (*Pedro*)
Maria Frade (*D. Glória*)
João FARRAIA (*Nelson*)
Rui DIONÍSIO (*Milton*)

Direcção de montagem

Guilherme FRAZÃO
Montagem João MARTINS, Miguel LAURENO, António ANTUNES,
Paulo HORTA, António José MARTINS
Operação de Som e Luz Paulo HORTA
Direcção de Produção Paulo MENDES
Assistência de cenografia e figurinos Joana FERRÃO
Colaboração musical Nelson BARROS
Penteados Sano de PERPESSAC

Fotografia

Rui Carlos MATEUS

Execução do graffiti

Rodrigo CRAVEIRO (Molin)

Som e arranjos musicais

Guilherme FRAZÃO

Luz José Carlos NASCIMENTO

Cenário Jean-Guy LECAT

Ass. de encenação Paulo MENDES

Agradecimentos:

AUTO-RÁPIDA DAS BARROCAS, COLORFOTO
e Carlos Santos



TUNING

De Rodrigo FRANCISCO
Encenação de Joaquim BENITE

Sala de Ensaios
17 de Novembro a 2 de Dezembro de 2012